



POESIA COMPLETA

GERALDO LUIZ



Copyright © 2020 Geraldo Luiz – AtelieVirtual

Conteúdo

| | | |
|-----|-------------------------|----|
| I | A profissão do poeta | 5 |
| | Água Viva..... | 7 |
| | A cobra da escola | 8 |
| | Rio de Janeiro..... | 9 |
| | Rio Embaçado..... | 10 |
| | Soturnos muros..... | 11 |
| | Acaso..... | 12 |
| II | Antologia Celular | 13 |
| | Poema organismo | 15 |
| | Longe..... | 16 |
| | O cinza | 17 |
| III | Dentro do delírio | 18 |
| | A embreagem gasta | 20 |
| | Sem descanso..... | 24 |
| | Cirurgia ao avesso..... | 26 |
| | Enquanto eu lia | 33 |
| IV | Os Eclipses | 34 |
| | O Dilúvio..... | 36 |
| | O Quarto..... | 38 |

| | |
|----------------------|----|
| Os que ficaram | 41 |
| A tarde | 42 |
| Os Outros | 44 |
| A S.Ó.S..... | 46 |
| Deus | 52 |

A PROFISSÃO DO POETA

ÁGUA VIVA

Donde me abstenho
Do peso de minha água
Separada por largas mãos,
Que retornam ao mesmo rio
À mesma água e
ao mesmo peso,
Os quais não são a mesma
nem o mesmo

Mas peso que se presa
Retorna ao raso e a rosa
E remete à velha sensação
Que derrete e meteora:

O coração

A COBRA DA ESCOLA

Lá no colégio há uma cobra
Todo dia entocada em sua toca
Ela vive de fofoca
Rodando aos custos da alma
Em virtude da mente
Ela anda sem calma
Essa é a serpernte

Rastejando por aí
Com os ouvidos quentes

RIO DE JANEIRO

Todo dia nosso rosto muda
E ninguém percebe
Todo dia a rua fica um pouco mais curva
E ninguém percebe

A bahia se torna rio
Diante de calor
Que une tudo diante de uma única dor
E assim por um erro
A bahia vira rio de janeiro

RIO EMBAÇADO

Tímido rio, tenta ser

Ri

Se encanta

Distante

Por algo

Tampouco audível

que lhe indica por lábios nus

O alvorecer das plumas

Perdidos

na neve

(sem rumo)

SOTURNOS MUROS

Soturnos muros noturnos
Que fazem o tempo ficar
Em dúvidas tristes que dilatam a si
O tempo tenta ficar

E em dias longos dias dentro de um manso buraco
Algo ameaça a ser
Todo dia ameaça a ser
A lâmina de si mesmo
Ferindo em corte
A longa percepção crua
De uma arte antiga
Que precede os capilares, as ruas

E assim sucede o dia,

Um beijo
Um rio
Uma alegria sem foz nem começo

Que por assim parecer
Se queixa de estar
(Sóbrios pontos sóbrios)
Sobre a pupila ao pulsar
E ao parecer

ACASO

Um rio enche dois lagos
Na terra do acaso
Que ninguém vê

FIM DE “A PROFISSÃO DO POETA”

ANTOLOGIA CELULAR

POEMA ORGANISMO

Quem
É
Que tem minha cara
O meu rosto
Face, espírito
Eu, você
E o espelho
Onde o sol não participa
De nosso deserto
(de ombros)
e nos ossos,
Afastados no horizonte
Onde jorra
A cachoeira da coluna
V e r t e b r a l

LONGE

Ao longe
De longe do longe
Perto
As ceras dos olhos
Se dissecam,
Dissolvendo
A camada alheia que fere
Algo que não se entende
mas a ordem retém
a lógica intrínseca
que penetra
a família e seu barco

O CINZA

Cinza, infinda cor cinza
Repleta de teoria
Que tinge a pólis
Toda polida
E descrita
Desde o concreto da pedra
Até as nuvens da ventania

Cinza cor cinza
Toda tingida de nada
De sequer preto
Sequer branco
Como um filme em preto e branco
Sem som sem fala

Só legenda
Porcima doutra legenda
Donde mora a lenda
Da infinda fenda
Do cinza

FIM DE “ANTOLOGIA CELULAR”

DENTRO DO DELÍRIO

A EMBREAGEM GASTA

A embreagem gasta rebobina
Rebobina a face áurea
Estragada e entregada a estrada
Entre dias e caminhos
Reunidos em ferro e fúria
Sem tamanho cabível
Para contar em seu veículo

O sinistro corta o elemento
A aranha arma a armadilha
E sozinho fecha-se o trilho
Onde leva-se o suprimento
Ao redemoinho escondido
A apontaria se revela concisa
Sem amarrar membros opostos
Como se fosse lavar o sangue com sangue
Ferida com ferida
E o que somos
Se não a fé como mordida

Parta o filho e o esconda
Antes que a vingança
A fome do impossível
O rasgue a carne pelas costas
Em seu ponto cego, invisível
Que posa como centro mas nega

Encanta o vaso vazio e encerra
Sem seu prato cheio, surdo
Não ouve ao desejo enquanto desejo
Se fecha em olhos casados
Falou o buraco vitalício:
Eu não vejo

Os olhos infindam ao infinito
Nao se vê o destino
Apenas o escuta
Como a verdade sempre circula
Na circulação sanguínea dos carros
Que vem e vão, sem sentido correto:
Em vão

Torce para o reboque chegar,
Mas se percebe o sentido
Do indizível dito
Na flexão sobre o inegável
Que o tempo está e para quando se fala
Na palavra da moeda dita
que é a propria queda do motor,
Embreagem, circuitos a fio

Soletra a parede da pedra
E nela precisa seus versos precisos
Concentra a pele da falha
Quebra o concreto e excede
A varanda simétrica e varia
Onde o relicário sagrado de guarda
Dentro de um átrio profano
E dito impulsionado,
se faz em um ato involuntário

O solo da bateria conduz
Ao infinito tribal

Onde as pedras se jogam em rios
E os blocos caem precisos
Soltando um sorriso à prova de bala
Um olhar conciso que estremece e pausa

Onde retorna com mais energia
Depois de uma escuridão de alegria
Alegria aérea desfeita e cansada
Pelas estrelas encardidas e deitadas
Que o tempo não alimenta, mata
Onde a floresta não se chama
Em chamas, se mata

Tinge o chilique de preto
Falava ao revés da fala
E retorna torto ao combate confuso
E sola gaita em azul num ritmo abalado

Se faz ao contrário, se faz errado
Não cansa de escrever, tortura o teclado
Pensa estar cansado
Não para até o toque estar pelado
Pensa parar, o forte é fraco
A energia tece e nela se propele
As roupas rasgam e por ela
Os pelos surgem e nos conduzem
A ideia de que somos todos feras

Não faz calar
O que tu tentas fazer
Tenta amar
Cessa o palco, o teatro
O poço de caldas
O elenco todo
E em defuntos
Os ergue em fraldas

Amarradas aos tecidos
Todos em conjuntos
Retidos errados
Na epiderme eterna
Que a cidade arranca
E em carne viva
A terra geme
Sob os carros
Sobre os germes
A terra geme
Implora a volta
De um novo Hermes
Trez vezes sabio
Trez vezes atrasado
Pontual, no horario
De mercurio é claro
Alinhado, preciso
Na coordenada delicada
Onde a piramide da vida
Se volta, e está apontada

SEM DESCANSO

I

A lembrança da morte
dorme no colo do amor
e acorda com as unhas frias
na lápide da própria morte

Gozando, procurando e oferecendo
fantasias à bússula
Ela descansa cravada no pilar,
cuja altura é perfume
de linha lenço e lenha
que embrulham a flora
como só se fossem cheiro

II

Não há,
fumaça que espante
ou inseto que crave
matriz de quebra
no pulmão da tarde

Impedindo o sonho do arquiteto

De chorar um mínimo de números,
que jorram da boca,
e reencontram o beijo da carne

CIRURGIA AO AVESSO

I

Recorrente, corrente ardida
Em que o elemento bate
E se contorna em cócegas

É ela, a barata que distrai e tira
Te gira por megalomania

Pyrotecnia

Queimando rápido os restos usados
De uma forma cinzenta
Onde o vapor não para

Parou, tentou parar,
O vagão incessante
Em que o momento curva
E tenta se olhar

O diário vazio, onde a luz não precisou
Arrepende perguntas feitas sem roteiro
Jogadas investigadas pela face sem dono
O retiro delgado se esvai na beira do sono

Em troca, luzes cintilam no avesso
Amigos invadem o terreno

E a lei não para pra escutar
A própria boca remendada por dentro

A falha fala e a doença fala ainda mais na mentira
Mentira que explica verdades
E verdades que explicam Mentira
Isso agora, você mesmo, você me achou, por favor:

Mentira daqui

II

Suplicava a voz do terreno ao lado
Enquanto ouvia o calabouço se calando calado

A cirurgia ocorreu bem
A saúde se ergue e rebobina
O corpo caçado por si
Se inspira e abomina tristeza
Copia e segue a alegria

O rio parado, pós-parto
Com pedras por todos os lados
Penteia ideias sobretudo antigas
Sem entre o que entre os lagos
Na terra que berra o fato:
Um lago enche dois acasos

Calma! Escuta!
Não iam amputar
A cirurgia era de parto
E agora tens mais um reflexo
Em carne e osso
Outro passo pra fora do posso
Outro sexo, pra tentar se enxergar

E quem é? Na curva da rua?
Na curva da ladeira
Mentira! lá tem uma fogueira?
Mentira! Verdade!
Nada tem, senão
Curvas, ladeiras

III

A arma evoluiu
 Sutil doce tinta
O que tu queres de mim e copia
 Em mim me habita
 Que mistura obscura produz?

Imagem e proporção
Desejo infindável do corpo
De Incorporar a razão?

A poesia se queima,
 Em Política invisível
Teu léxico nervoso
 Pune e recompensa
Porque estudar uma doença?
 Pisar fora de uma armadilha dada
E retorná-la como presente de memórias passadas?

Que presença intensa
 Mas será mesmo
O caminho de todos os Sephirat
 Armadilhas no ar, que só o olfato pode captar
Onde estou?
 É a terra, pão e circo ou guerra?
É silêncio no vácuo ou espaço para mais espadas?

Delírio permanente, não se sabe daonde para qual lado
 O volante inestimado dança equivocado dentro do armário
 A arma é a si própria e tuas marcas na máscara do relicário.

O homem some, a alma conversa
 Os animais não são outros nem mais nem menos
 Irmão, o jogo já passou, os dentes sorriam
 Enquanto antes carne sonhavam sedentas.

IV

O fogo do roubo já era
 E aos fígados a carne gemeu
 Palavras “impostas” roubadas de arte eram
 Palavras impostas pela força do imposto

Falência. É o jogo já jogado
 Que aos poucos poucos desejaram
 E os outros, outros que ainda não terminaram
 De não entender num vídeo-game
 Esquisito cuja lama não rende
 Brincadeiras sujas, nojentas
 Cujas pouca consciência entende

Nos emprestamos uns aos outros
 Nos roubamos e se enganamos
 Na chuva com espada da alegria!
 Solada pura, lava a alma e cura
 Na chuva, com armadura de tristeza
 Tankada, me caça a alma e me fura

A correnteza, que vaga por mangas cortadas
 De um inesperado clarão de incertezas
 Algo estranho fala e não cala
 A mentira de uma beleza

Seduz, à primeira vista,
E nos mima,
Como um perigoso meme
Pois a língua repete e alucina
Até o furo que esguicha
Aos poucos uma piscina
De neologismos quentes

V

Sendo esse o intuito, muito bem
Chamemos o caminhão pipa da metáfora
Nos leva, transporta
O empréstimo e ao roubo, cópia tranquila
Ao jogo das portas e iniciativas

Rebobina, o mundo inconsciente se ar fosse, escapava
Água fosse, diluía
Terra fosse casava
Fogo fosse, traduzia

Em preto, o neo-logismo já é:
Cuidado com o ciso
O sorriso sorrindo
Nunca sabe a interpretação que quer

Bringadeiro, por exemplo,
é a briga das brigas de brincadeira por um brigadeiro.
Me atira, esculacha, te conheço, depois jogarás de pretas
Se atijas ao jogo que amas, o reverso cairás
A escrita pensará e do xadrez barulhento,
as damas serão quietas

É tudo crítico, em critérios numa crise
Infinda cratera que no cárcere do tártaro
A ilha de ariel em um sonho me disse:

“Aqui é tudo muito úmido, cansei de espelhá-lo”

A ordem é cansativa na medida
 Em que o homem tranquilo e sossegado
 Não sofre pra calar o corpo, as ideias
 Pra sentir o peso do que tem cair
 E o vão, se lhe sobra, após o parto ao avesso
 Tentar aos poucos retornar ao próprio berço

IV

Essa(meus amigos) é a cascata da desgraça
 Algo sonda e nunca encontra
 E a caça se alastra, às vezes descansa
 Até o fim da linha, as vezes,
 Ao fim da página

Imagina, a árvore dos acasos
 Todos enfileirados (Vários galhos e braços)
 Com data, hora rosto e mais:
 Uma colagem complicada,
 Superposta por Celulares
 Iphones
 A tela preta que esquece o agora

Instrumentos transitivos
 Que pouco fazem senão muito
 Captar todos os desvios
 As curvas sem destino
 Cálculos complicados de um retrato sem inquilino

Todos os passos traçados
 Os calçados recalçados
 Toda peça de corpo, se não uma única que não muda

 Somos nós, algemados à necessidade da luz

Plantas com puro medo, novo medo, pra que medo
Escolher um novo medo, desejo
 Sinônimos do avesso
 Em que a necessidade, amizade reflete
Sobrevivência na selva, suicídio(sacrifício) na Cruz

O pai avisou, ao quarto retorna
E sem nenhum castigo
Nem se sabe o caminho da porta

VII

A poesia demora, se excede e adoece
 Ou destrói desespera
 Reconstrói e tece
Limpa por dentro,
 Suja por fora
O nojo é lama, na brincadeira da metáfora
Ou,
Linha perdida na brincadeira do semáforo

Quem sabe comove nos move
Colide por dentro, socorre
Pois a medicina falha
(enquanto)

A poesia,

Ainda

Tenta.

ENQUANTO EU LIA

I

Ainda vejo em tua pupila
Mesmo que sobre um rio turvo
Uma ponte que cintila
Além dos nossos castelos e nossos muros

E da lama desse rio, aqui mesmo,
Moldo esse gesto,
Apenas com carinho
Sem foz nem começo

Nele flui uma mensagem engarrafada,
um segredo,
e com seus olhos bem arregalados,
quicá perceba nesses versos:

Que sua noz,
Pequena esquila,
Éramos nós
Quando a escondeu,
Com medo do inverno.

II

FIM DE “DENTRO DO DELÍRIO”

OS ECLIPSES

O DILÚVIO

I

Jaz o tempo em que brincava
em minha ocêanica poça d'água
Onde a fantasia era lei

E de mim, luz jorrava
encantando até os girassóis
que me coroavam como rei

Porém, mal sabem, que seu sol nada é
senão o jovem eu na terra
que desconhece o tempo
a fome, a morte e a guerra

II

Já o homem é um riço barrado
Que drena a força das águas
e ~~A~~ leva para um outro lado

No entanto, a luz que agora produz,
sua origem é esquecida
Junto de sua fauna e flora, destruídas

Pois não há herói que salve
E salve-se do tempo dúbio
que ameaça o destruir

como fez seu nascimento: o dilúvio

III

A julgar pelas pérolas
agora soltas no chão
O tempo já arrancou teu colar

E tua linha agora é nó
Impossível arranjo entre dobras,
as memórias que restam de seu lar

Entretanto no fundo escuro da perda
Jaz o brilho eterno da ostra
Curada na concha de um novo mundo
Que reluz e reduz um dilúvio à poça

O QUARTO

I

Hei de traçar um mapa
sobre a jugular do planeta
para enfrentar a janela
e abraçar a sujeira

Do quarto

O quarto que quarto mais quarto arde
mais arde o quarto
mais ar de quarto o quarto fica
e mais me lembra a rua, o quarto

De forma ou de outra
quarto me perco
meus poros quartos entopem, o quarto

Pois lá fora pousam eclipses
aqui dentro quartos silêncios

Lá fora há o quarto
Aqui dentro, quartos sem centro

Aqui dentro, vivo de quartos
lá fora morre quartos de gente

II

Por entre vias de gente
Quartos sem janelas

Quarto tempo no quarto
Falta pro quarto deixar de ser quarto?
E se tornar um quarto de quarto?

Que é o quarto?

Se não um quarto de vida?
Pois não há um quarto que viva de um quarto de vida
Sem que a vida seja um quarto de quarto de quarto de vida

Que é a vida?
Se não um bom quarto em um bom quarto de vida
E nada mais que um quarto de vida
e não em quatro quartos de vida

III

Caso contrário, chega de quartos
estou farto de quartos
o quanto antes, chega, farto, estou de quartos
estou, pare, cessa de ser quarto, sou mais que um quarto
não,

repleto sou mais que,
mais que uma fração
isso, uma fração,
mais que, não sou um, um cômodo
isso, não sou, chega de ser
quarto,
não, quarto não,
incômodo é o cômodo, letal digo, é, a palavra que se refere
à tudo isso, isso,

tudo isso que o mundo passa isso que o mundo passa
tem que passar
quero a cura, a cura, isso a cura, a cura pra palavra que entope
a palavra que para a palavra que chega, pare, a palavra
pare ela, não todas, só um pouco delas

IV

e reste as palavras que vem
as palavras que ficam
quero as palavras denovo fora do
fora daquilo que chega, daquilo que para, pare

quero as palavras reais
não a cópia da cópia da cópia do denovo
quero, eu quero, quero, eu,
a palavra da cicatriz
quero a palavra da sutura
a palavra do elo
quero a palavra do você

V

E para que tudo não volte à calamidade
e o poema não se suje de infecção
para que o poema não morra num vazio de um encontro ruim
há as palavras que protegem as palavras
há contra a boca o tecido que abafa
o pingo de um acento que de estrofe em estrofe sufoca o poeta

E assim, o pânico tarda mas acaba,
se cada letra seja da tinta
ciente de sua silhueta
que a constrange,
que lhe cinge mas garante,
tua forma e lei

OS QUE FICARAM

não existe a mancha?

não existe lugar que cure

o insucesso do agora

em expandir suas quatro paredes

sobre a lápide do acaso?

e o transtorno das cruzeiras que jazem tortas

num ofício doente de um delírio ardente que

ousa rasgar os lutos daqueles que ficam?

É insone a face da besta

e as tripas das festas

e o medo

Onde há sono para que sintam o sono

e não fujam do sono acordado?

A TARDE

flecha
 mancha
cruzes
 e o ombro
quarto
 biombo
persianas
 e mágoas

do que vale resgatar o brilho
nos profundos vales do infinito

a pérola de seus olhos
que só enxergam a tarde
e a tarde dos olhos é
fogo sem caudas

moeda sem face

rosto sem dono

E a sujeira?

A sujeira que fica ora se esvai

ora se esparrama e dança

Mói o corpo e fica

pó de lembrança

OS OUTROS

A densa floresta de olhares suga
o véu da segurança
e vai e vem e vai
o medo e a esperança
e o olhar se intensifica
e pesa fazendo curva
e te enxerga
por detrás das árvores
da jabuticabeira, do carvalho
e do seu nome
e te apanha
o vale denso te engole e avança
cavando seu corpo
os galhos

seus braços
seus fios
serpente

Torna-se árvore na floresta de olhares
sem um som de gente

A S.Ó.S

o horizonte
e
a faixa de areia
se confundem

e o pássaro
o pássaro

ele vê
o absurdo:
o naufrago

e como vê

que sucumbe
na dobra da ilha
que engole o mar

ele vê

o pássaro é luneta
e seu olhar pisca
acena ao homem perdido

e o homem inventa
fantoche inventa

espantalho inventa o homem

e não enlouquece por isso
mas não enlouquece por isso

o homem, o menino e a
faixa minada de pegadas
e de quem são
essas pegadas

e de dúvidas
e de quem são
essas dúvidas

confundem-se com a areia
pisoteada é, ou

trilha as pegadas
parecem de
curupira

falam a língua do tornado

o mundo parece divorciado

e o tempo?

Jaz o tempo do tempo

só há atritos e o ranger das marcas

será o caso de procurar

apego à voz que jorra

do outro lado do mágico acesso de loucura

o delírio, sempre atento ao moer das cascas

dos seres, do céu e da minha mancha

É o cravo nascente em minha pele

e por dentre as rachaduras: flor

só lamento-a em meu sono

pois nada cabe no tempo,
que não caiba no agora

e o agora nada vale adiar

caso não haja uma manhã clara
que elucide meu reino de certezas
e veja nelas a erva da dúvida

pois penso no acaso como flecha
cravada no arco da morte

e a vida toda o resto do mundo
intocada por um triz que seja

o ontem do amanhã

sabe-se lá quando me desperto
ou quanto sou eu mais do que eu fui
eu mesmo ontem

será o caso d'eu ser
o mesmo de ontem
mesmo que a engrenagem venha a revelar

no mais seco dos soluços
ao me dizer a verdade
e sendo ainda tímida,
em me convidar
a dar um passo atrás e olhar a pilha de cascas
que foram um dia minhas unhas
pois tudo isso é o pólen
de tua tosse
diz ela e:
esse lago aqui mesmo
é das lágrimas que faltam jorrar
de seu mais profundo lençol
Ela treme, com um mero sorriso cravado na verdade
Ela me embala
e só sobram os mais pesados dos metais
e febre, e dor na barriga
e febre
pois a operação é grave
corre-se o risco de sumir contigo

todos os vestígios do que um dia ela foi em mim

e assim renovado

já não ouço tua voz

uma calmaria confusa

pois não há nada além

da própria porta que leva ao início

sequer é porta

pois gira em falso

e por mais estranho

estás preso num eterno encontro

consigo mesmo

e parece que cai sendo entretanto salvo

por sigo mesmo

pois cai com a gravidade

da esperança de ir um pouco mais além

do quadro da porta

ou mais ainda,

no mistério de tua dobradiça

que articula o mundo, mas só o meu

mundo

ou será mundo?

Esse mundo tão torto quanto

o encontro com o impossível terror

da dobra prender teu corpo

És agora engrenagem girando sozinha

e que vale isso ?

DEUS

eu sou o mármore
a pedra falada
jazida,
 fenda
estrutura opaca
 que a luz não fura

eu sou o tijolo

o terreno
 baldio
o terreno
 vadio

dos buracos insustentáveis

eu sou o cimento

a tarde do mundo

a tríade do engenho

a massa densa das hastes

a coluna e as vigas do precipício

eu sou o calor do sol

o suor das faces

o caminho do equilíbrio

eu sou a lógica

o número e a régua

o cálculo, o compasso

eu sou o moínho

a catraca, a água e o rio

eu sou os dias

caralho irmão namoral

eu sou o TEMPO as órbitas e os PLANETAS

EU SOU O INFERNO E A FESTA

A LETRA O BALUARTE E O ESPAÇO

SOU TAMBÉM AS LACUNAS

EU SOU O CÃO QUE LADRA O INFORTÚNIO

SOU O PÉ QUE PISA A FORMIGA

SOU A FORMIGA E SOU O HOMEM

(pouco importa)

EU SOU O ACIDENTE

EU SOU O CAOS

EU SOU O ESTAMPIDO

E TAMBÉM O TÍMPANO

EU SOU A CRUZ

E TAMBÉM A CICATRIZ

FIM DE “OS ECLIPSES”